EXPRESSO ZAHAR



Uma tragédia grega

ANTÍGONA

Sófocles

Sófocles

Antígona

Tradução do grego
Mário da Gama Kury



SUMÁRIO

ANTÍGONA
Notas

ANTÍGONA

Época da ação: idade heroica da Grécia.
Local: Tebas.
Primeira representação: 441 a.C., em Atenas (data aproximada).

PERSONAGENS

ANTÍGONA } filhas de Édipo e de Jocasta
ISMENE }

CREONTE, rei de Tebas como sucessor de Édipo, e irmão de Jocasta.
GUARDA
HÊMON, filho de Creonte e de Eurídice
TIRÉSIAS, adivinho
EURÍDICE, mulher de Creonte
PRIMEIRO MENSAGEIRO
SEGUNDO MENSAGEIRO
CORO de anciãos tebanos

FIGURANTES MUDOS

CRIADOS
CRIADAS
GUARDAS
MENINO, guia de Tirésias

Cenário

O frontispício do palácio real, na ágora de Tebas, onde reina CREONTE. Nasce o dia seguinte à derrota dos argivos comandados por POLINICES, que haviam iniciado a fuga na noite expirante. Estão em cena ANTÍGONA e ISMENE.

ANTÍGONA

Minha querida Ismene, irmã do mesmo sangue,
conheces um só mal entre os herdados de Édipo
que Zeus[1] não jogue sobre nós enquanto vivas?
Não há, de fato, dor alguma, ou maldição,
afronta ou humilhação que eu não esteja vendo
no rol das tuas desventuras e das minhas.
Já tens conhecimento do decreto novo
que o rei, segundo dizem, promulgou agora
e mandou publicar pela cidade inteira?
Já te falaram dele, ou tu não vês ainda
os males que ameaçam os amigos nossos,
premeditados pelos nossos inimigos?

ISMENE

Sobre os amigos não ouvi notícia alguma,
Antígona, fosse agradável, fosse triste,
desde que nos levaram nossos dois irmãos
mortos no mesmo dia um pela mão do outro.
Já desapareceram os soldados de Argos
durante a noite recém-finda, e mais não sei,
nem mesmo se sou mais feliz ou infeliz.

ANTÍGONA

Eu já previa e te chamei aqui por isso;
apenas tu irás ouvir-me e mais ninguém.

ISMENE

Que há? Estás inquieta com as más notícias?

ANTÍGONA

Pois não ditou Creonte que se desse a honra
da sepultura a um de nossos dois irmãos
enquanto a nega ao outro? Dizem que mandou
proporcionarem justos funerais a Etéocles
com a intenção de assegurar-lhe no além-túmulo
a reverência da legião dos mortos; dizem,
também, que proclamou a todos os tebanos
a interdição de sepultarem ou sequer
chorarem o desventurado Polinices:
sem uma lágrima, o cadáver insepulto
irá deliciar as aves carniceiras
que hão de banquetear-se no feliz achado.
Esse é o decreto imposto pelo bom Creonte
a mim e a ti (melhor dizendo: a mim somente);
vê-lo-ás aparecer dentro de pouco tempo
a fim de alardear o edito claramente
a quem ainda o desconhece. Ele não dá
pouca importância ao caso: impõe aos transgressores
a pena de apedrejamento até a morte
perante o povo todo. Agora sabes disso
e muito breve irás tu mesma demonstrar
se és bem-nascida ou filha indigna de pais nobres.

ISMENE

Mas, nessas circunstâncias, infeliz irmã,

teria eu poderes para te ajudar
a desfazer ou a fazer alguma coisa?

ANTÍGONA

Decide se me ajudarás em meu esforço.

ISMENE

Em que temeridade? Qual a tua ideia?

ANTÍGONA

Ajudarás as minhas mãos a erguer o morto?

ISMENE

Vais enterrá-lo contra a interdição geral?

ANTÍGONA

Ainda que não queiras ele é teu irmão
e meu; e quanto a mim, jamais o trairei.

ISMENE

Atreves-te a enfrentar as ordens de Creonte?

ANTÍGONA

Ele não pode impor que eu abandone os meus.

ISMENE

Pobre de mim! Pensa primeiro em nosso pai,[2]
em seu destino, abominado e desonrado,

cegando os próprios olhos com as frementes mãos
ao descobrir os seus pecados monstruosos;
também, valendo-se de um laço retorcido,
matou-se a mãe e esposa dele — era uma só —
e, num terceiro golpe, nossos dois irmãos
num mesmo dia entremataram-se (coitados!),
fraternas mãos em ato de extinção recíproca.
Agora que restamos eu e tu, sozinhas,
pensa na morte inda pior que nos aguarda
se contra a lei desacatarmos a vontade
do rei e a sua força. E não nos esqueçamos
de que somos mulheres e, por conseguinte,
não poderemos enfrentar, só nós, os homens.
Enfim, somos mandadas por mais poderosos
e só nos resta obedecer a essas ordens
e até a outras inda mais desoladoras.
Peço indulgência aos nossos mortos enterrados
mas obedeço, constrangida, aos governantes;
ter pretensões ao impossível é loucura.

ANTÍGONA

Não mais te exortarei e, mesmo que depois
quisesses me ajudar, não me satisfarias,
Procede como te aprouver; de qualquer modo
hei de enterrá-lo e será belo para mim
morrer cumprindo esse dever: repousarei
ao lado dele, amada por quem tanto amei
e santo é o meu delito, pois terei de amar
aos mortos muito, muito tempo mais que aos vivos.
Eu jazerei eternamente sob a terra
e tu, se queres, foge à lei mais cara aos deuses.

ISMENE

Não fujo a ela; sou assim por natureza;
não quero opor-me a todos os concidadãos.

ANTÍGONA

Alega esses pretextos, mas não deixarei
sem sepultura o meu irmão muito querido.

ISMENE

Ah! Infeliz! Quanta preocupação me causas!

ANTÍGONA

Não deves recear por mim; cuida de ti!

ISMENE

Ao menos não reveles a ninguém teus planos;
oculta-os bem contigo e eu farei o mesmo.

ANTÍGONA

Não faças isso! Denuncia-os! Se calares,
se não contares minhas intenções a todos,
meu ódio contra ti será maior ainda!

ISMENE

Ferve o teu coração pelo que faz gelar!

ANTÍGONA

Mas dou satisfação àqueles que, bem sei,
tenho o dever de, mais que a todos, agradar.

ISMENE

Se houvesse meios… Mas desejas o impossível.

ANTÍGONA

Quando sentir faltar-me a força, pararei.

ISMENE

Mas o impossível não se deve nem tentar.

ANTÍGONA

Falando dessa forma ganharás meu ódio
e te exporás a ser odiada pelo morto
eterna e justamente. Deixa-me enfrentar,
nesta loucura apenas minha, esses perigos;
assim me livro de morrer envergonhada.

ISMENE

Se crês que deves, vai, mas parte com a certeza
de que apesar de agires insensatamente
és verdadeira amiga para teus amigos.

Saem ANTÍGONA e ISMENE em direções opostas. Entra o CORO.

CORO

Raio de sol, mais bela claridade
já vista em Tebas,[3] a de sete portas,
brilhaste finalmente, olho do dia,
pairando sobre o manancial de Dirce.[4]
Puseste em fuga o célere guerreiro
de escudo branco, que viera de Argos

com toda a sua presunção marcial
disposto a conquistar a nossa terra;
persuadido pela fala ambígua
de Polinices, como se águia fora
precipitou-se em direção à terra
gritando forte e assustadoramente,
coberto com plumagem cor de neve,[5]
profusamente armado e protegido
com o elmo ornado de ondulante crina.
Sobrevoou hiante as nossas casas
e corvejou no umbral das sete portas
brandindo espadas ávidas de morte,
mas teve de voltar sem que as mandíbulas
fartasse em nosso sangue e que os archotes
resinosos de Hefesto consumissem[6]
a coroa de torres da cidade,
tão pavoroso foi em suas costas
o estrondo de Ares,[7] oponente invicto
dos inimigos do dragão tebano.[8]
Zeus, em verdade, odeia mais que tudo
a presunção das línguas atrevidas
e ao vê-los vir, numa torrente imensa,
na ostentação de suas muitas armas
douradas, fulminou com labaredas
aquele que se imaginava prestes
a proclamar vitória em sua meta
— o topo das muralhas da cidade.
Golpeado, ele se projetou no chão
estrepitosamente, segurando
ainda a tocha acesa em sua mão,
ele que havia pouco, delirante
de ardor insano se precipitara
impetuosamente contra nós,
movido por seu ódio tormentoso.

Seus golpes, todavia, não trouxeram
os resultados esperados; antes,
a cada um dos outros inimigos
o deus da guerra, sempre ao nosso lado,
impôs o seu destino, semeando
em torno deles todos o extermínio.
Nas sete portas, enfrentando os nossos,
seus sete chefes foram derrotados,
deixando as armas de maciço bronze
como tributo a Zeus — árbitro único
da decisão de todas as batalhas —,
exceto aqueles dois infortunados
nascidos de um só pai e uma só mãe,
que um contra o outro ergueram as espadas,
ambos irresistíveis, para enfim
compartilharem uma mesma morte.
Mas a Vitória de glorioso nome
está conosco agora e rejubila-se
com Tebas, dona de incontáveis carros;
hoje devemos esquecer a guerra
apenas finda; visitemos logo,
em meio a danças que entrem pela noite,
os templos, um por um, de nossos deuses.
E seja Baco[9] o nosso condutor,
ele, que faz tremer o chão de Tebas!

Aproxima-se CREONTE acompanhado de guardas.

Vejo, porém, já próximo de nós,
o novo rei, filho de Meneceu,
senhor da terra após as provações
que há pouco tempo os deuses nos mandaram.
Alguma preocupação o move,
pois em convocação geral nos chama,
a nós anciãos, para deliberar.

CREONTE

Senhores: eis de novo salva e aprumada
a nau de nossa terra pelas divindades,
após a dura tormenta que a sacudiu.
Apenas vós fostes chamados entre o povo
por emissários meus mandados de propósito,
primeiro porque sei que fostes bons, fiéis
e obedientes ao poder real de Laio;[10]
depois porque, quando Édipo era rei aqui,
e após a sua morte, a vossa lealdade
inabalável inda sustentou seus filhos.
Agora, todavia, que eles sucumbiram
em dupla morte, golpeando e golpeados
com suas próprias mãos impuras, em razão
do parentesco próximo entre mim e os mortos
hoje detenho o trono e suas regalias.
Não é possível conhecer perfeitamente
um homem e o que vai no fundo de sua alma,
seus sentimentos e seus pensamentos mesmos,
antes de o vermos no exercício do poder,
senhor das leis. Se alguém, sendo o supremo guia
do Estado, não se inclina pelas decisões
melhores e, ao contrário, por algum receio
mantém cerrados os seus lábios, considero-o
e sempre o considerarei a mais ignóbil
das criaturas; e se qualquer um tiver
mais consideração por um de seus amigos
que pela pátria, esse homem eu desprezarei.
Pois eu — e seja testemunha o grande Zeus
onividente — não me calaria vendo
em vez da segurança a ruína dominar
o povo, e nunca trataria os inimigos
de minha terra como se fossem amigos.

A salvação de Tebas é também a nossa,
em minha opinião; se navegarmos bem,
com a nau a prumo, não nos faltarão amigos.
Com semelhantes normas manterei intacta
a glória da cidade, e pauta-se por elas
o edito que mandei comunicar ao povo
há pouco, relativamente aos filhos de Édipo:
que Etéocles, morto lutando pela pátria,
desça cercado de honras marciais ao túmulo
e leve para o seu repouso eterno tudo
que só aos mortos mais ilustres se oferece;
mas ao irmão, quero dizer, a Polinices,
que regressou do exílio para incendiar
a terra de seus pais e até os santuários
dos deuses venerados por seus ascendentes
e quis provar o sangue de parentes seus
e escravizá-los, quanto a ele foi ditado
que cidadão algum se atreva a distingui-lo
com ritos fúnebres ou comiseração;
fique insepulto o seu cadáver e o devorem
cães e aves carniceiras em nojenta cena.
São estes os meus sentimentos e jamais
concederei aos homens vis maiores honras
que as merecidas tão somente pelos justos.
Só quem quiser o bem de Tebas há de ter
a minha estima em vida e mesmo após a morte.

CORIFEU

Assim te apraz, filho de Meneceu, Creonte,
tratar amigos e inimigos desta terra,
e tens poder — eu reconheço — para impor
a lei de tua escolha, seja em relação
aos mortos, seja a nós, que ainda estamos vivos.

CREONTE

Cuidai, então, de que se cumpram minhas ordens.

CORIFEU

Dá esse encargo tão pesado a alguém mais jovem.

CREONTE

A guarda do cadáver caberá a outros.

CORIFEU

Qual é, então, a ordem que nos dás ainda?

CREONTE

Sede implacáveis com os rebeldes ao edito.

CORIFEU

Ninguém é louco a ponto de buscar a morte.

CREONTE

Seria esta, na verdade, a recompensa.
A expectativa de vantagens, todavia,
levou inúmeros mortais à perdição.

Entra um GUARDA em atitude hesitante.

GUARDA

Dirigindo-se a CREONTE.

Não vou dizer, senhor, que chego assim sem fôlego[11]

por apressar meus pés para ser mais veloz.
Meus pensamentos muitas vezes me fizeram
parar, dar meia-volta em minha caminhada.
Minha alma muitas vezes me falou assim:
“Pobre de ti! Por que te apressas a chegar
“aonde a punição te espera, inevitável?
“Coitado! Atrasas-te de novo? E se Creonte
“souber por outro não irás também sofrer?”
Nesse debate eu percorria meu caminho
com passos indecisos, de maneira tal
que nunca mais a curta estrada se acabava.
Mas finalmente decidi que deveria
chegar a ti; e embora eu quase nada saiba,
ainda assim estou aqui para falar,
pois a se confirmarem minhas esperanças
somente sofrerei o que for meu destino.

CREONTE

Quais os motivos desse teu abatimento?

GUARDA

Falar-te-ei primeiro do que me interessa;
eu nada fiz, nem sei quem praticou a ação;
qualquer castigo para mim seria injusto.

CREONTE

És maneiroso em teus rodeios defensivos;
demonstras que me vais dizer algo de novo.

GUARDA

Vacila-se antes de dizer coisas terríveis…

CREONTE

Por que não falas, afinal, e vais embora?

GUARDA

Então eu vou falar! O morto… alguém há pouco
o sepultou e foi-se embora; apenas pôs
alguma terra seca recobrindo as carnes
e praticou deveres outros de piedade.

CREONTE

Que dizes? Quem? Que homem se atreveu a tanto?

GUARDA

Não sei. Não conseguimos ver marcas de pás,
nem sulcos feitos por enxada; o chão estava
bem liso, duro e seco, sem sinais de rodas;
o autor da ação é desses que não deixam pistas.
Quando o vigia da manhã nos alertou
para o acontecido, uma surpresa triste
tomou conta de nós; não víamos o morto,
embora ele não estivesse bem sepulto,
pois era muito pouca a terra que o cobria,
como se fosse posta pela mão de alguém
querendo apenas evitar um sacrilégio.
E não havia em volta rastro algum à vista,
nem de animal selvagem, nem de um cão qualquer
que houvesse vindo até o cadáver e o movesse.
Então brotaram entre nós palavras ásperas
de sentinelas acusando sentinelas.
Até a brigas nós teríamos chegado
sem que os presentes impedissem; um por um,

todos nos acusamos uns depois dos outros,
mas afinal a culpa não foi apurada,
pois nada fora percebido por ninguém.
Já íamos pegar com as mãos ferros em brasa,[12]
atravessar o fogo aceso e pelos deuses
jurar convictos que não éramos autores
nem cúmplices na trama ou na realização.
Por fim, depois de nossas investigações
terem falhado, um guarda se manifestou,
fazendo-nos baixar o rosto para o chão,
apavorados, pois não nos abalançávamos
a contestá-lo e víamos que era impossível
fugir a uma desgraça se lhe obedecêssemos;
ele nos disse que era nossa obrigação
comunicar-te o fato imediatamente
e não pensar em ocultá-lo; a sugestão
foi logo aceita e no sorteio — ai!, ai de mim! —
me coube o prêmio de trazer-te a novidade.
E estou aqui, contra teu gosto e contra o meu,
pois ninguém aprecia quem dá más notícias.

CORIFEU

Meu coração, senhor, indaga há muito tempo
se esse acontecimento não se deve aos deuses.

CREONTE

Cala-te logo, antes que cresça minha cólera
com tua fala, salvo se queres mostrar
senilidade e insensatez ao mesmo tempo.
É insuportável escutar-te quando dizes
que os deuses podem ter cuidado do cadáver.
Seria por inusitada recompensa
a um benfeitor que lhe dariam sepultura,

a ele, que chegou para queimar seus templos
cercados de colinas e os tesouros sacros
e para aniquilar a sua terra e leis?
Ou vês os deuses distinguirem criminosos?
Jamais! Desde o princípio havia na cidade
homens que murmuravam coisas desse gênero
e meneavam a cabeça contra mim
secretamente; relutavam em curvar-se
e, como súditos, dar a cerviz ao jugo.
Sei muito bem que os guardas foram corrompidos
e subornados para agir assim por eles.
Nunca entre os homens floresceu uma invenção
pior que o ouro; até cidades ele arrasa,
afasta os homens de seus lares, arrebata
e impele almas honestas às ações mais torpes
e incita ainda os homens ao aviltamento,
à impiedade em tudo. Mas, quem age assim
por interesse, um dia paga o justo preço.

Voltando-se para o GUARDA.

Se a Zeus ainda agrada a minha reverência,
escuta e dize aos outros guardas: juro agora
que se não descobrirdes o real autor
desse sepultamento e não o conduzirdes
à frente de meus olhos, simplesmente a morte
não há de ser pena bastante para vós;
sereis dependurados todos, inda vivos,
até que alguém confesse o crime! Sabereis
de quem é vantajoso receber dinheiro
de hoje em diante e aprendereis ao mesmo tempo
que não é bom querer ganhar de qualquer modo;
vereis que o lucro desonesto leva os homens
com mais frequência à ruína que à prosperidade!

GUARDA

Permites que se fale, ou devo simplesmente
dar meia-volta e retirar-me neste instante?

CREONTE

Não vês o quanto a tua voz me ofende agora?

GUARDA

É nos ouvidos ou na alma que ela dói?

CREONTE

Por que te esmeras em saber onde é a dor?

GUARDA

O autor te fere o coração; eu, os ouvidos.

CREONTE

É… Nota-se que és bem-falante de nascença.

GUARDA

Talvez, mas esse feito eu não praticaria.

CREONTE

Fizeste mais: vendeste a alma por dinheiro!

GUARDA

Ah! é terrível quando, embora preparado

para ser bom juiz, um homem julga mal!…

CREONTE

Diverte-te com teu brilhante julgamento,
mas, se não descobrirdes, tu e teus colegas,
o autor do feito, acabareis por convencer-vos
de que somente mágoas traz o ganho ilícito!

CREONTE retorna ao palácio.

GUARDA

Será melhor, então, achá-lo sem demora.
Mas, seja ele descoberto ou não — a sorte
é que vai decidir — indubitavelmente
não me verás de novo aqui; se desta vez
me salvo, contra a minha expectativa e crença,
é meu dever agradecer, e muito, aos deuses!

O GUARDA afasta-se precipitadamente.

CORO

Há muitas maravilhas, mas nenhuma[13]
é tão maravilhosa quanto o homem.
Ele atravessa, ousado, o mar grisalho,
impulsionado pelo vento sul
tempestuoso, indiferente às vagas
enormes na iminência de abismá-lo;
e exaure a terra eterna, infatigável,
deusa suprema, abrindo-a com o arado
em sua ida e volta, ano após ano,
auxiliado pela espécie equina.
Ele captura a grei das aves lépidas
e as gerações dos animais selvagens:

e prende a fauna dos profundos mares
nas redes envolventes que produz,
homem de engenho e arte inesgotáveis.
Com suas armadilhas ele prende
a besta agreste nos caminhos íngremes;
e doma o potro de abundante crina,
pondo-lhe na cerviz o mesmo jugo
que amansa o fero touro das montanhas.
Soube aprender sozinho a usar a fala
e o pensamento mais veloz que o vento
e as leis que disciplinam as cidades,
e a proteger-se das nevascas gélidas,
duras de suportar a céu aberto,
e das adversas chuvas fustigantes;
ocorrem-lhe recursos para tudo
e nada o surpreende sem amparo;
somente contra a morte clamará
em vão por um socorro, embora saiba
fugir até de males intratáveis.
Sutil de certo modo na inventiva
além do que seria de esperar,
e na argúcia, que o desvia às vezes
para a maldade, às vezes para o bem,
se é reverente às leis de sua terra
e segue sempre os rumos da justiça
jurada pelos deuses ele eleva
à máxima grandeza a sua pátria.
Nem pátria tem aquele que, ao contrário,
adere temerariamente ao mal;
jamais quem age assim seja acolhido
em minha casa e pense igual a mim!

Percebendo o GUARDA, que volta conduzindo ANTÍGONA.

Deixa-me pasmo este portento incrível!

Como negar, se a vejo, que esta moça
é a própria Antígona? Ah? Desventurada
e filha de desventurado pai
— de Édipo! Que significa isso?
Trazem-te por desprezo às leis reais,
surpreendida em ato tresloucado?

GUARDA

Aqui está a autora da façanha; há pouco
pilhamo-la enterrando-o. Onde está Creonte?

CORIFEU

Está voltando do palácio em boa hora.

CREONTE

Que é isso? E por que meu regresso é oportuno?

GUARDA

Nada devia ser jurado pelos homens,
senhor, pois basta refletir para notar
que a ideia é enganadora. Eu mesmo prometi
que não havia de voltar tão cedo aqui,
depois de ouvir as tuas duras ameaças
de há pouco, assustadoras; mas, considerando
que as alegrias, quando não as esperamos
nos dão maior contentamento, retornei,
embora contrariando um juramento meu,
trazendo esta donzela, que surpreendemos
cuidando de finalizar o funeral.
Não houve, desta vez, sorteio. Não! A mim
e a mais ninguém foi concedida esta ventura.

Agora podes segurá-la, interrogá-la,
julgá-la, meu senhor, tu mesmo, como queiras.
E quanto a mim, tenho o direito de estar livre
das confusões que antes me assustaram tanto.

CREONTE

Onde prendeste, e como, esta que vens trazendo?

GUARDA

Ela enterrava o homem: sabes tudo agora.

CREONTE

Percebes o que dizes? Falas com certeza?

GUARDA

Vi-a quando, apesar de tua proibição,
cuidava ainda de enterrar melhor o morto.
São claras e evidentes as minhas palavras?

CREONTE

E como a viram e pilharam em delito?

GUARDA

O fato aconteceu assim: quando voltamos,
com aquelas tuas ameaças horrorosas
pesando sobre nós, tiramos toda a terra
que recobria o corpo e cuidadosamente
despimos o cadáver meio decomposto;
então nós nos sentamos no alto da colina,
tendo a favor o vento para que o fedor

não viesse contra nós. Estava cada um
bem acordado e se esforçava por manter
alerta o seu vizinho com descomposturas,
se alguém se descuidava da tarefa dura.
Assim passou o tempo até que o sol brilhante
chegou a meio céu em sua caminhada
e começou a nos queimar com seu calor;
nesse momento um vento repentino e forte
soprou em turbilhão — celeste turbulência —
pela campina toda, desfolhando as árvores
das redondezas. O ar em volta escureceu
e para suportar o flagelo divino
tivemos de fechar os olhos. Ao cessar
aquilo, muito tempo após, vimos a moça;
ela gritava agudamente, como um pássaro
amargurado ao ver deserto o caro ninho,
sem suas crias. Ela, vendo o corpo nu,
gemendo proferiu terríveis maldições
contra quem cometera a ação; amontoou
com as mãos, de novo, a terra seca e levantando
um gracioso jarro brônzeo derramou
sobre o cadáver abundante libação.
Corremos quando vimos aquele espetáculo
e todos juntos seguramo-la, mas ela
não demonstrou estar com medo; então pusemo-nos
a interrogá-la sobre o seu procedimento
passado e atual; para alegria minha,
e dó ao mesmo tempo, ela nada negou.
É bom livrarmo-nos de males mas é triste
lançar amigos nossos na infelicidade.
Mas, isso tudo para mim neste momento
importa menos do que a minha salvação.

Após alguns instantes de silêncio geral.

Tu, então, que baixas o rosto para o chão,
confirmas a autoria desse feito, ou negas?

ANTÍGONA

Fui eu a autora; digo e nunca negaria.

CREONTE

Dirigindo-se ao GUARDA.

Já podes ir na direção que te aprouver,
aliviado e livre de suspeita grave.

Sai o GUARDA. CREONTE dirige-se a ANTÍGONA.

Agora, dize rápida e concisamente:
sabias que um edito proibia aquilo?

ANTÍGONA

Sabia. Como ignoraria? Era notório.

CREONTE

E te atreveste a desobedecer às leis?

ANTÍGONA

Mas Zeus não foi o arauto delas para mim,
nem essas leis são as ditadas entre os homens
pela Justiça, companheira de morada
dos deuses infernais; e não me pareceu
que tuas determinações tivessem força
para impor aos mortais até a obrigação
de transgredir normas divinas, não escritas,
inevitáveis; não é de hoje, não é de ontem,

é desde os tempos mais remotos que elas vigem,
sem que ninguém possa dizer quando surgiram.
E não seria por temer homem algum,
nem o mais arrogante, que me arriscaria
a ser punida pelos deuses por violá-las.
Eu já saiba que teria de morrer
(e como não?) antes até de o proclamares,
mas, se me leva a morte prematuramente,
digo que para mim só há vantagem nisso.
Assim, cercada de infortúnios como vivo,
a morte não seria então uma vantagem?
Por isso, prever o destino que me espera
é uma dor sem importância. Se tivesse
de consentir em que ao cadáver de um dos filhos
de minha mãe fosse negada a sepultura,
então eu sofreria, mas não sofro agora.
Se te pareço hoje insensata por agir
dessa maneira, é como se eu fosse acusada
de insensatez pelo maior dos insensatos.

CORIFEU

Evidencia-se a linhagem da donzela,
indômita, de pai indômito; não cede
nem no momento de enfrentar a adversidade.

CREONTE

Dirigindo-se a ANTÍGONA.

Fica sabendo que os espíritos mais duros
dobram-se muitas vezes; o ferro mais sólido,
endurecido e temperado pelo fogo,
é o que se vê partir-se com maior frequência,
despedaçando-se; sei de potros indóceis

que são domados por um pequenino freio.
Quem deve obediência ao próximo não pode
ter pensamentos arrogantes como os teus.

Dirigindo-se ao CORO.

Ela já se atrevera, antes, a insolências
ao transgredir as leis apregoadas; hoje,
pela segunda vez revela-se insolente:
ufana-se do feito e mostra-se exultante!
Pois homem não serei — ela será o homem! —
se esta vitória lhe couber sem punição!
Embora fosse minha irmã a sua mãe
— mais próxima de mim, portanto, pelo sangue,
que todos os parentes meus, fiéis devotos
do grande Zeus no santuário de meu lar —
nem ela nem a irmã conseguirão livrar-se
do mais atroz destino, pois acuso a outra
de cúmplice na trama desse funeral.
E chamem-na; via-a lá dentro há pouco tempo;
estava transtornada, como que incapaz
de dirigir a sua mente. Muitas vezes
o íntimo de quem não age retamente,
na sombra, indica a traição antes do feito.
Além do mais, odeio quem, pilhado em falta,
procura dar ao crime laivos de heroísmo.

Saem os guardas para buscar ISMENE.

ANTÍGONA

Prendeste-me; desejas mais que a minha morte?

CREONTE

Não quero mais; é tudo quanto pretendia.

ANTÍGONA

Então, por que demoras? Em tuas palavras
não há — e nunca haja! — nada de agradável.
Da mesma forma, as minhas devem ser-te odiosas.
E quanto à glória, poderia haver maior
que dar ao meu irmão um funeral condigno?

Designando o CORO com um gesto.

Eles me aprovariam, todos, se o temor
não lhes tolhesse a língua, mas a tirania,
entre outros privilégios, dá o de fazer
e o de dizer sem restrições o que se quer.

CREONTE

Só tu, entre os tebanos, vês dessa maneira.

ANTÍGONA

Eles também, mas silenciam quando surges.

CREONTE

Não coras por pensar, só tu, diversamente?

ANTÍGONA

Não há vergonha alguma em nos compadecermos
dos que nasceram das entranhas de onde viemos.

CREONTE

E aquele que morreu lutando contra o outro
também não era teu irmão, do mesmo sangue?

ANTÍGONA

Do mesmo sangue, de um só pai e uma só mãe.

CREONTE

Por que, então, distingues impiamente o outro?

ANTÍGONA

O morto não confirmará essas palavras.

CREONTE

Confirmará, se a distinção o iguala ao ímpio.

ANTÍGONA

Foi como irmão que ele morreu, não como escravo.

CREONTE

Destruindo a cidade; o outro, defendendo-a.

ANTÍGONA

A morte nos impõe as suas próprias leis.

CREONTE

Mas o homem bom não quer ser igualado ao mau.

ANTÍGONA

Quem sabe se isso é consagrado no outro mundo?

CREONTE

Nem morto um inimigo passa a ser amigo.

ANTÍGONA

Nasci para compartilhar amor, não ódio.

CREONTE

Se tens de amar, então vai para o outro mundo,
ama os de lá. Não me governará jamais
mulher alguma enquanto eu conservar a vida!

Aproxima-se ISMENE, vindo do palácio entre guardas.

CORO

Vejo transpor a porta agora Ismene
chorando lágrimas de irmã e amiga;
paira uma nuvem sobre sua fronte
escurecendo as cores de seu rosto
e umedecendo-lhe a formosa tez.

CREONTE

Vamos, tu que, dissimulada como víbora
em minha própria casa, insidiosamente
sugavas o meu sangue, sem que eu percebesse
que alimentava duas pestes e conluios
contra o meu trono, dize-me: confirmarás
também a participação naquele enterro,
ou negarás, jurando desconhecimento?

ISMENE

Eu pratiquei a ação, se ela[14] consente nisso;
sou cúmplice no crime e aceito as consequências.

ANTÍGONA

Mas nisso não terás o apoio da justiça,
pois nem manifestaste aprovação à ideia
nem eu te permiti participar da ação.

ISMENE

Notando os sofrimentos teus, não me envergonho
de percorrer contigo o mar de tuas dores.

ANTÍGONA

Os mortos sabem quem agiu, e o deus dos mortos;
não quero amiga que ama apenas em palavras.

ISMENE

Não me julgues indigna de morrer contigo,
irmã, e honrar o morto com os ritos sagrados.

ANTÍGONA

Não compartilhes minha morte, nem aspires
a feitos que não foram teus; basta que eu morra.

ISMENE

Que valerá a vida para mim sem ti?

ANTÍGONA

Com um sorriso sarcástico.

Indaga de Creonte, pois só pensas nele!

ISMENE

Por que me afliges sem proveito para ti?

ANTÍGONA

Se rio e o meu riso te faz sofrer, lastimo.

ISMENE

Como te poderei ser útil, mesmo agora?

ANTÍGONA

Salva-te, Ismene. Não te invejo por fugires.

ISMENE

Pobre de mim! Não participo de teu fim?

ANTÍGONA

A tua escolha foi a vida; a minha, a morte.

ISMENE

Mas não ficaram por dizer minhas palavras.

ANTÍGONA

A uns parecerás sensata; a outros, eu.

ISMENE

De qualquer modo, nossas faltas são iguais.

ANTÍGONA

Não te preocupes; estás viva, mas minha alma
há tempo já morreu, para que eu sirva aos mortos.

CREONTE

Afirmo que uma destas moças neste instante
nos revelou sua demência; a outra é insana,
sabidamente, desde o dia em que nasceu.

ISMENE

É, rei, mas a razão inata em todos nós
está sujeita a mutações nos infelizes.

CREONTE

Isto se deu com a tua, quando preferiste
ser má em companhia de pessoas más.

ISMENE

Sem ela, que prazer teria eu na vida?

CREONTE

Não digas “ela”; não existe mais.

ISMENE

Irás matar, então, a noiva de teu filho?

CREONTE

Ele pode lavrar outras terras mais férteis.

ISMENE

Isso não foi o que ele e ela pactuaram.

CREONTE

Detesto, para os filhos meus, mulheres más.

ANTÍGONA

Como teu pai te avilta, meu querido Hêmon!

CREONTE

Molestas-me demais com esse casamento!

CORIFEU

Vais mesmo arrebatá-la de teu próprio filho?

CREONTE

A morte impedirá por mim o casamento.

CORIFEU

Parece resolvido que ela irá morrer.

CREONTE

Parece a ti e a mim. Não haja mais delongas:
levai-as para dentro, servos! São mulheres
e agora serão confinadas, como as outras.
Além do mais, mesmo as pessoas corajosas

tentam fugir se ameaçadas pela morte.

Saem os guardas levando ANTÍGONA e ISMENE, CREONTE permanece em cena, meditativo.

CORO

Felizes são aqueles cuja vida
transcorre isenta de todos os males,
pois os mortais que um dia têm os lares
desarvorados pelas divindades
jamais se livrarão dos infortúnios
por todas as seguidas gerações.
Da mesma forma a vaga intumescida,
soprada pelo vento impetuoso
da Trácia, quando varre o mar profundo
revolve em turbilhões a areia negra
e a leva às praias onde a faz bramir
entre gemidos, estrondosamente.
Vejo às antigas infelicidades
da casa dos labdácidas[15] juntarem-se
as novas desventuras dos defuntos,
e as gerações mais novas não resgatam
as gerações passadas. Um dos deuses
agarra-se insaciável a elas todas
e as aniquila; não há salvação.
O pálido lampejo de esperança
que sobre o último rebento de Édipo
surgira, esvai-se agora na poeira
dos deuses infernais, ensanguentada
pelo arrebatamento das palavras
e por corações cheios de furor.
Que orgulho humano, Zeus, será capaz
de opor limites ao poder só teu,
que nem o Sono precursor do fim

de todos vence, nem o perpassar
infatigável do tempo divino?[16]
Governas o fulgor maravilhoso
do Olimpo como soberano único,
imune ao tempo que envelhece tudo.
E no porvir, tal como no passado
a lei para os mortais será mantida:
nada haverá de realmente grande
em suas vidas sem desgraças juntas.
É um conforto para muitos homens
a instável esperança; para outros
é uma ilusão de seus desejos frívolos
insinuando-se junto aos ingênuos
até que aos pés lhes chegue o fogo ardente.
Pois com sabedoria alguém falou
as célebres palavras: “cedo ou tarde,
o mal parecerá um bem àquele
que os deuses resolveram desgraçar”.
E são momentos poucos e fugazes
os que ele vive livre da desdita.

Aproxima-se HÊMON.

Mas, Hêmon vem aí, o filho teu
mais novo; estará ele angustiado
com o fim de sua prometida, Antígona,
e amargurado com as frustradas núpcias?

CREONTE

Já saberemos, e melhor que por profetas.
Ficaste enraivecido com teu pai, meu filho,
quando soubeste da sentença irrevogável
imposta à tua noiva? Ou somos sempre amigos,
seja qual for minha atitude quanto a ti?

HÊMON

Sou teu, meu pai. Com teus conselhos úteis traças
minha conduta certa; casamento algum
me importa mais que tua reta orientação.

CREONTE

Deve ser esta, justamente, a diretriz
inquebrantável de teu coração, meu filho:
ser dócil à vontade de teu pai em tudo.
Desejam para isso os homens em seus lares
crianças obedientes que eles engendraram
para mais tarde devolver aos inimigos
dos pais o mal que lhes fizeram, e também
honrar, como seus pais honraram, os amigos.
Mas, de quem teve apenas filhos imprestáveis,
só poderíamos dizer que semeou
muitos motivos de aflição para si mesmo
e muitas gargalhadas para os inimigos.
Jamais deves perder o senso, filho meu,
pela volúpia de prazeres, por mulheres,
ciente de que tal satisfação esfria
quando a mulher com quem convives é perversa.
Existirá, então, ferida mais pungente
que uma esposa má? Deves repudiá-la
como inimiga; deixa a moça desposar
alguém lá no outro mundo. Já que a surpreendi,
só ela na cidade toda, em ostensiva
oposição às minhas ordens, não serei
um mentiroso diante da cidade: mato-a!
Que invoque Zeus, o protetor do parentesco,
se lhe aprouver. Se eu for criar parentes meus
na desobediência, inevitavelmente
hei de enfrentá-la com maior razão nos outros.

Aquele que na própria casa é cumpridor
de seus deveres, mostrar-se-á também correto
em relação ao seu país. Se alguém transgride
as leis e as violenta, ou julga ser capaz
de as impingir aos detentores do poder,
não ouvirá em tempo algum meus elogios;
muito ao contrário, aquele que entre os homens todos
for escolhido por seu povo, deve ser
obedecido em tudo, nas pequenas coisas,
nas coisas justas e nas que lhe são opostas.
Estou seguro de que esse homem obediente
será bom governante como foi bom súdito
e na tormenta das batalhas ficará
firme no posto, agindo como companheiro
bravo e leal. Mas a anarquia é o mal pior;
é perdição para a cidade e faz desertos
onde existiam lares; ela é causadora
de defecções entre as fileiras aliadas,
levando-as à derrota. A submissão, porém,
é a salvação da maioria bem mandada.
Devemos apoiar, portanto, a boa ordem,
não permitindo que nos vença uma mulher.
Se fosse inevitável, mal menor seria
cair vencido por um homem, escapando
à triste fama de mais fraco que as mulheres!

CORIFEU

Só o tempo já vivido não nos deixa errar,
tuas palavras nos parecem bem faladas.

HÊMON

Os deuses, pai, implantam no homem a razão
— o bem maior de todos. Se falaste certo

acerca dessas coisas, não posso dizer
(jamais em minha vida eu seja capaz disso!).
Mas outros também podem ter boas ideias.
É meu dever notar por ti, naturalmente,
tudo que os outros dizem, fazem ou censuram,
pois o teu cenho inspirador de medo impede
os homens simples de pronunciar palavras
que firam teus ouvidos. Eu, porém, na sombra,
ouço o murmúrio, escuto as queixas da cidade
por causa dessa moça: “Nenhuma mulher”,
comentam, “mereceu jamais menos que ela
“essa condenação — nenhuma, em tempo algum,
“terá por feitos tão gloriosos quanto os dela
“sofrido morte mais ignóbil; ela que,
“quando em sangrento embate seu irmão morreu
“não o deixou sem sepultura, para pasto
“de carniceiros cães ou aves de rapina,
“não merece, ao contrário, um áureo galardão?”
Este é o rumor obscuro ouvido pelas ruas.
Com relação a mim, meu pai, nenhum dos bens
é mais precioso que tua satisfação.
Existiria para os filhos ornamento
mais enobrecedor que a fama gloriosa
de um pai feliz, ou para um pai a de seus filhos?
Não tenhas, pois, um sentimento só, nem penses
que só tua palavra e mais nenhuma outra
é certa, pois se um homem julga que só ele
é ponderado e sem rival no pensamento
e nas palavras, em seu íntimo é um fútil.
Não há vergonha alguma, mesmo sendo sábio,
em aprender cada vez mais, sem presunções.
Não vês, ao lado das torrentes engrossadas
pelas tormentas, como as árvores flexíveis
salvam-se inteiras, e as que não podem dobrar-se

são arrancadas com a raiz? Da mesma forma,
aquele que mantém as cordas do velame
sempre esticadas, sem às vezes afrouxá-las,
faz emborcar a nau e finaliza a viagem
com a quilha para cima. Exorto-te: recua
em tua ira e deixa-te mudar! E se eu,
embora jovem, posso dar-te opiniões,
afirmo que nos homens o ideal seria
nascer já saturados de toda a ciência,
mas, se não é assim, devemos aprender
com qualquer um que fale para nosso bem.

CORIFEU

Convém, senhor, que aprendas com as palavras dele
se há nelas algo de oportuno; e tu, também,
com as de teu pai; falaram bem ambos os lados.

CREONTE

Posso, na minha idade, receber lições
de sensatez de alguém da natureza dele?

HÊMON

Se houver razões. Sou jovem? Olha mais, então,
para os meus atos que para os meus poucos anos.

CREONTE

Crês que exaltar rebeldes é ato louvável?

HÊMON

Eu não te exortaria a respeitar os maus.

CREONTE

E por acaso ela não sofre desse mal?

HÊMON

Não falam deste modo os cidadãos de Tebas.

CREONTE

Dita a cidade as ordens que me cabe dar?

HÊMON

Falaste como se fosses jovem demais!

CREONTE

Devo mandar em Tebas com a vontade alheia?

HÊMON

Não há cidade que pertença a um homem só.

CREONTE

Não devem as cidades ser de quem as rege?

HÊMON

Só, mandarias bem apenas num deserto.

CREONTE

Dirigindo-se ao CORO.

Ele parece um aliado da mulher!

HÊMON

Se és mulher, pois meus cuidados são contigo.

CREONTE

Discutes com teu pai, pior das criaturas?

HÊMON

Porque agindo assim ofendes a justiça.

CREONTE

Ofendo-a por impor respeito ao meu poder?

HÊMON

Tu mesmo o desrespeitas ultrajando os deuses.

CREONTE

Caráter sórdido, submisso a uma mulher!

HÊMON

Não me verás submisso diante de baixezas!

CREONTE

A tua fala toda, ao menos, é por ela!

HÊMON

Por ti, por mim e pelos deuses dos finados!

CREONTE

Jamais te casarás com ela ainda viva!

HÊMON

Pois ela morrerá levando alguém na morte!

CREONTE

O atrevimento leva-te a tais ameaças?

HÊMON

É atrevimento refutar ideias vãs?

CREONTE

Chorando aprenderás que vão é o teu saber!

HÊMON

Queres falar apenas, sem ouvir respostas?

CREONTE

Não tagareles tanto, escravo de mulher!

HÊMON

Não fosses tu meu pai, dir-te-ia um insensato!

CREONTE

Isto é verdade? Pelos céus, fica sabendo:
essas censuras torpes não te alegrarão!

Dirigindo-se a um servo.

Vai já buscar essa mulher insuportável
para que morra logo ao lado de seu noivo
aqui presente, diante de seus próprios olhos!

HÊMON

Não deves esperar que ela morra ao meu lado
(nem penses nisto!), nem me verás nunca mais.
Guarda essa fúria para teus dóceis amigos!

HÊMON sai precipitadamente.

CORIFEU

A cólera, senhor, levou-o em disparada.
A mente aflita é perigosa nesta idade.

CREONTE

Pode ele praticar em sua retirada
ações além da força humana, ou meditá-las;
não salvará de seu destino as duas moças!

CORIFEU

Pretendes realmente exterminar as duas?

CREONTE

A que não o tocou não morre. Lembras bem.

CORIFEU

Já decidiste como há de morrer a outra?

CREONTE

Levando-a por deserta estrada hei de enterrá-la
numa caverna pedregosa, ainda viva,
deixando-lhe tanto alimento quanto baste
para evitar um sacrilégio; não desejo
ver a cidade maculada. Lá, em prece
ao deus dos mortos — único que ela venera —
talvez obtenha a graça de não perecer,
ou finalmente aprenderá, embora tarde,
que cultuar os mortos é labor perdido.

CORO

Amor, invicto no combate, Amor
dissipador de todas as riquezas,
que após vaguear nos mares e em recônditos
esconderijos afinal repousas
no doce rosto das moças em flor!
Nenhum dos imortais pode evitar-te
nenhum dos homens de existência efêmera;
e perde logo o senso quem te encontra.
Até os justos forças à injustiça,
desnorteando-lhe o pensamento,
e levas a essas lutas pais e filhos.
Venceu o claro olhar da noiva bela,
inspirador desse desejo igual
às majestosas leis da natureza,
joguete de Afrodite irresistível.

Aparece ANTÍGONA, conduzida por guardas.

Mas eu, diante do que vejo agora,
sinto que as leis também não me refreiam
e não consigo reprimir as lágrimas

ao vislumbrar Antígona marchando
para esse leito onde se acaba tudo.

ANTÍGONA

Concidadãos de minha pátria, vêde-me
seguindo o meu caminho derradeiro,
olhando o último clarão do sol,
que nunca, nunca mais contemplarei.
O deus dos mortos,[17] que adormece a todos,
leva-me viva para os seus domínios[18]
sem que alguém cante o himeneu por mim,
sem que na alcova nupcial me acolha
um hino; caso-me com o negro inferno.

CORO

Mas partes para o mundo tenebroso
dos mortos gloriosa e exalçada,
sem que as doenças aniquiladoras
te houvessem atingido, sem que as armas
mortíferas ferissem o teu corpo;
é por tua vontade e decisão
que tu, apenas tu entre os mortais,
descerás viva à região das sombras.

ANTÍGONA

Falaram-me de uma estrangeira, há muito,
filha de Tântalo,[19] da terra frígia,
e de seu triste fim no alto do Sípilo,[20]
aprisionada por muitos rochedos
que em volta dela, como hera tenaz
cresciam sempre; e ainda hoje contam
que a chuva não cessava de molhar-lhe

o corpo agonizante, nem a neve,
enquanto as lágrimas que lhe desciam
dos olhos orvalhavam o seu colo.
Prepara-me o destino enterro igual.

CORO

Ela era deusa, nascida de deuses,
e nós, mortais, nascidos de mortais,
Será, porém, honroso para ti,
que agora chegas ao momento extremo,
dizerem que o destino te igualou
aos deuses, viva e mesmo após a morte.

ANTÍGONA

Ah! Vosso escárnio já me está ferindo!
Pergunto, pelos deuses padroeiros:
por que não esperais que eu seja morta
e me insultais assim perante todos?
Minha cidade! Povo afortunado
de minha terra! Tu, fonte Dirceia,[21]
e chão sagrada da guerreira Tebas!
Ao menos como testemunhas tomo-vos
para que todos vejam de que modo,
sem ser sequer chorada por amigos,
e condenada por que leis eu vou
para esse cárcere todo de pedras
que será meu insólito sepulcro!
Como serei desventurada ali,
nem pertencendo aos vivos, nem aos mortos!

CORO

Tu te lançaste aos últimos extremos

de atrevimento e te precipitaste
de encontro ao trono onde a justiça excelsa
tem sede, minha filha; pode ser
que na presente provação expies
pecados cometidos por teu pai.

ANTÍGONA

Trouxeste-me à memória o mais pungente
dos fatos — o destino de meu pai,
três vezes manifesto,[22] o de nós todos,
labdácidas famosos. Ah! Horrores
do tálamo materno! Ah! Teus abraços
incestuosos, minha mãe, com o pai
de quem nasci! Como sou infeliz!
E para eles vou assim, maldita,
sem ter chegado às bodas! Meu irmão
infortunado! Que união a nossa!
Transformas-me, morrendo, em morta viva!

CORO

Inspiram piedade atos piedosos
mas o poder, para seus detentores,
não se sujeita a transgressão alguma;
perdeu-te a tua índole indomável.

ANTÍGONA

Sem que me chorem, sem amigo algum,
sem cantos de himeneu sou arrastada
— pobre de mim! — por sôfrego caminho!
Para desgraça minha nunca mais
poderei ver a santa luz do sol!
E dos amigos nem um só lamenta

esse meu doloroso fim sem lágrimas!

Reaparece CREONTE.

CREONTE

Aos guardas que conduzem ANTÍGONA.

Acaso não sabeis que hinos e lamúrias
na hora de morrer jamais acabariam
se houvesse o mínimo proveito em entoá-los?
Ides, ou não, levá-la imediatamente?
E quando a houverdes encerrado, como eu disse,
em sua cavernosa sepultura, só,
abandonada para, se quiser, morrer
ou enterrar-se ainda viva em tal abrigo,
estarão puras nossas mãos: não tocarão
nesta donzela. Mas há uma coisa certa:
ela será privada para todo o sempre
da convivência com habitantes deste mundo.

ANTÍGONA

Túmulo, alcova nupcial, prisão eterna,
cova profunda para a qual estou seguindo,
em direção aos meus que a morte[23] muitas vezes
já acolheu entre os finados! Eu, a última
e sem comparação a mais desventurada,
vou para lá, antes de haver chegado ao termo
de minha vida! Mas uma esperança eu tenho:
meu pai há de gostar de ver-me, e tu também
gostarás muito, minha mãe, e gostarás
também, irmão querido, pois quando morreste
lavei-te e te vesti com minhas próprias mãos
e sobre tua sepultura eu espargi
as santas libações. E agora, Polinices,

somente por querer cuidar de teu cadáver
dão-me esta recompensa! Mas na opinião
da gente de bom senso todo o meu cuidado
foi justo. Sim! Se houvera sido mãe de filhos,
ou se o esposo morto apodrecesse exposto,
jamais enfrentaria eu tamanhas penas
tendo de opor-me a todos os concidadãos![24]
Que leis me fazem pronunciar estas palavras?
Fosse eu casada e meu esposo falecesse,
bem poderia encontrar outro, e de outro esposo
teria um filho se antes eu perdesse algum;
mas, morta minha mãe, morto meu pai, jamais
outro irmão meu viria ao mundo. Obedeci
a essas leis quando te honrei mais que a ninguém.
Creonte acha, porém, que errei, que fui rebelde,
irmão querido! Assim ele me leva agora,
cativa em suas mãos; um leito nupcial
jamais terei, nem ouvirei hinos de bodas,
nem sentirei as alegrias conjugais,
nem filhos amamentarei; hoje, sozinha,
sem um amigo, parto — ai! infeliz de mim! —
ainda viva para onde os mortos moram!
Que mandamentos transgredi das divindades?
De que me valerá — pobre de mim! — erguer
ainda os olhos para os deuses? Que aliado
ainda invocarei se, por ser piedosa,
acusam-me de impiedade? Se isso agrada
aos deuses me conformo, embora sofra muito,
com minha culpa, mas se os outros são culpados,
que provem penas pelo menos tão pesadas
quanto as que injustamente me impuseram hoje!

CORIFEU

De novo os mesmos ventos violentos
vêm vergastar-lhe a alma com seu sopro.

CREONTE

Seus condutores hão de arrepender-se,
então, por demorarem a levá-la!

ANTÍGONA

Ai! Ai de mim! Depois destas palavras
sinto-me ainda mais perto da morte!

CREONTE

Não posso acalentar-te com a ilusão
de que não será esse o desenlace.

ANTÍGONA

Cidade de meus pais, solo de Tebas
e deuses ancestrais de nossa raça!
Levam-me agora, não hesitam mais!
Vede-me, ilustres próceres de Tebas
— a última princesa que restava —,
as minhas penas e quem as impõe
apenas por meu culto à piedade!

Sai ANTÍGONA, levada pelos guardas.

CORO

Desdita igual sofreu Dânae formosa,[25]
forçada a permutar a luz celeste
por brônzeo calabouço; numa alcova
prenderam-na, secreta como um túmulo.

E sua estirpe, filha — minha filha! —
era das mais ilustres e a semente
de Zeus, que lhe viera em áurea chuva,
ela guardava e nela germinava.
A força do destino, todavia,
é formidável; as riquezas, guerras,
muralhas, negras naus, não lhe resistem.
Grilhões dominaram o fogoso filho
de Drias,[26] soberano dos edônios;
ele pagou, assim, por seus insultos
frenéticos quando foi dominado
e preso por Diôniso num cárcere
de pedras; lá, sua arrogância estúpida
aos poucos consumiu-se na loucura.
Ele aprendeu a conhecer o deus
que num delírio insano provocara
com a insolência de suas palavras,
quando quis extinguir o furor sacro
das moças possuídas pelo deus[27]
e o fogo dionisíaco, irritando
as Musas, admiradoras das flautas.
E junto às fundas águas Cianeias[28]
dos mares gêmeos, nas praias do Bósforo,
na direção do Salmideso[29] trácio,
Ares, vizinho da cidade, viu
ambos os filhos de Fineu[30] feridos
por golpe infame da feroz mulher
que os tornou cegos; ela, por vingança,
arrancou-lhes das órbitas os olhos
com as próprias mãos sangrentas, empunhando,
em vez de facas, finas lançadeiras.
Choravam na agonia os malsinados
a triste sina de terem nascido
de mal casada mãe, cuja linhagem

recuava todavia aos Erecteidas[31]
de nobre raça; em cavernas remotas
criara-se enfrentando as tempestades
de Bóreas, seu pai, correndo rápida
como um corcel pelas altas montanhas,
essa filha de deuses; mas as Parcas
eternas também a feriram, filha.

Entra TIRÉSIAS, guiado por um menino.

TIRÉSIAS

Agitado.

Nosso caminho foi um só, chefes de Tebas,
dois vendo pelos olhos de um, pois quem é cego
precisa, para caminhar, de alguém que o guie.

CREONTE

Então, velho Tirésias, quais as novidades?

TIRÉSIAS

Já vou dizê-las; quanto a ti, crê no profeta.

CREONTE

Nunca fui desatento às tuas advertências.

TIRÉSIAS

Por isso tens guiado bem esta cidade.

CREONTE

A minha experiência atesta esse proveito.

TIRÉSIAS

Ouve: de novo está pendente a tua sorte.

CREONTE

Que há? Tuas palavras fazem-me tremer.

TIRÉSIAS

Pelos indícios, que ouvirás, de minha arte,
já saberás. Estava eu no antigo assento
profético onde as aves todas se reúnem
dentro do alcance dos sentidos que me restam,
quando um clamor confuso ouvi de aves estrídulas
gritando maus presságios ininteligíveis.
E deduzi que umas às outras se feriam
com as garras, mortalmente (o estrépito das asas
não me deixava dúvidas). De imediato
tentei, amedrontado, recorrer ao fogo
em flamejante altar, ansioso por augúrios;
das vítimas, porém, não se elevavam chamas:
liquefazia-se a gordura sobreposta
às coxas e molhava as brasas crepitantes,
de onde saía só desagradável fumo;
o fel se evaporava, os ossos descobriam-se
nas coxas, encharcadas por muita gordura.
Assim fiquei sabendo por este menino,
que nos rituais divinatórios os presságios
não se manifestavam, pois ele é meu guia
como eu sou guia de outros. E é por tua causa,
por tuas decisões, que está enferma Tebas.
Nossos altares todos e o fogo sagrado
estão poluídos por carniça do cadáver
do desditoso filho de Édipo, espalhada

pelas aves e pelos cães; por isso os deuses
já não escutam nossas preces nem aceitam
os nossos sacrifícios, nem sequer as chamas
das coxas; nem os pássaros dão sinais claros
com seus gritos estrídulos, pois já provaram
gordura e sangue de homem podre. Pensa, então,
em tudo isso, filho. Os homens todos erram
mas quem comete um erro não é insensato,
nem sofre pelo mal que fez, se o remedia
em vez de preferir mostrar-se inabalável;
de fato, a intransigência leva à estupidez.
Cede ao defunto, então! Não firas um cadáver!
Matar de novo um morto é prova de coragem?
Pensei só no teu bem e é por teu bem que falo.
Convém ouvir a fala do bom conselheiro
se seus conselhos são para nosso proveito.

CREONTE

Tu, ancião, e todos vós, fazeis-me o alvo
de vossas flechas, como arqueiros; não me poupa
também, agora, o teu poder divinatório.
Há muito tempo a tua confraria explora-me
e faz de mim o seu negócio; prossegui,
lucrai; negociai, se for vossa vontade,
o electro lá de Sardes[32] ou da Índia o ouro,
mas aquele cadáver não enterrareis;
nem se quiserem as próprias águias de Zeus
levar pedaços de carniça até seu trono,
nem mesmo por temor de tal profanação
concordaria eu com o funeral, pois sei
que homem nenhum consegue profanar os deuses.
Mostram sua vileza os homens mais astutos,
velho Tirésias, ao tentar dissimular

pensamentos indignos com belas palavras,
preocupados tão somente com mais lucros.

TIRÉSIAS

Ah! Saberá alguém, ou imaginará…

CREONTE

Que dizes? Falas como se todos soubéssemos.

TIRÉSIAS

…que o bom conselho é a riqueza mais preciosa?

CREONTE

Tal como, penso eu, a insânia é o mal pior.

TIRÉSIAS

Estás enfermo, e gravemente, desse mal.

CREONTE

Para não insultar um adivinho, calo-me.

TIRÉSIAS

Mas, já disseste que menti nos vaticínios.

CREONTE

Por ser gananciosa a raça dos profetas.

TIRÉSIAS

E a dos tiranos ama só o ganho sórdido.

CREONTE

Sabes que estás falando com teu próprio rei?

TIRÉSIAS

Sei, pois graças a mim salvaste esta cidade.

CREONTE

És sábio, mas também amigo da injustiça.

TIRÉSIAS

Forças-me a revelar coisas ocultas na alma.

CREONTE

Revela, mas não lucrarás com tua fala.

TIRÉSIAS

Na parte que te cabe, também penso assim.

CREONTE

Pois não barganharás com a minha decisão!

TIRÉSIAS

Então fica sabendo, e bem, que não verás
o rápido carro do sol dar muitas voltas
antes de ofereceres um parente morto
como resgate certo de mais gente morta,

pois tu lançaste às profundezas um ser vivo
e ignobilmente o sepultaste, enquanto aqui
reténs um morto sem exéquias, insepulto,
negado aos deuses ínferos. Não tens, nem tu,
nem mesmo os deuses das alturas, tal direito;
isso é violência tua ousada contra os céus!
Estão por isso à tua espreita as vingativas,
terríveis Fúrias dos infernos e dos deuses,
para que sejas vítima dos mesmos males.
Vê bem se é por ganância que digo estas coisas!
Num tempo não muito distante se ouvirão
gemidos de homens e mulheres de teu lar.
Levantam-se como inimigas contra ti
as terras todas cujos numerosos filhos
dilacerados só tiveram funerais
feitos por cães, por feras ou por aves lépidas
que a cada uma das cidades onde tinham
seus lares levaram sacrílegos miasmas.
Já que me provocaste, vou dizer agora:
as flechas dirigidas ao teu coração
fui eu que as disparei em minha indignação,
certeiras como as de um arqueiro experiente;
e da pungência delas não escaparás.

Dirigindo-se ao menino que o trouxera.

Menino, leva-me de volta à nossa casa;
lance ele a sua cólera contra os mais moços,
e aprenda a usar a língua com moderação,
e traga dentro de seu peito sentimentos
melhores que os alardeados neste instante!

Sai TIRÉSIAS, guiado pelo menino.

CORIFEU

Senhor, esse homem retirou-se após dizer
terríveis profecias e desde que vi
os meus cabelos, antes negros, alvejarem,
ele jamais previu mentiras à cidade.

CREONTE

Sei disso, eu mesmo, e tenho o coração perplexo.
Ceder é duro, mas só por intransigência
deixar que a cólera me arruine, é também duro.

CORIFEU

Cuidado, Creonte, filho de Meneceu!

CREONTE

Que devo então fazer? Dize e obedecerei.

CORIFEU

Vai à caverna subterrânea e solta a moça.
Para o cadáver insepulto, faze um túmulo.

CREONTE

É o teu conselho? Achas melhor que eu ceda agora?

CORIFEU

E sem demora, rei; a punição divina
caminha por atalhos e com pés velozes
e logo alcança os que praticam más ações.

CREONTE

Pobre de mim! Penosamente renuncio
à minha decisão e passo a proceder
segundo o teu conselho; não insistirei
neste combate vão contra o inevitável.

CORIFEU

Vai já e age! Não incumbas outros disso!

CREONTE

Irei imediatamente. E vós, criados,
marchai. Marchai, presentes e também ausentes,
depressa, até o lugar por todos conhecido,
portando em vossas mãos a ferramenta própria!
Já que mudou de rumo a minha opinião,
irei soltar Antígona, eu que a prendi.
Agora penso que é melhor chegar ao fim
da vida obedecendo às leis inabaláveis.

CORO

Deus de múltiplos nomes, alegria
da virgem Cadmeia,[33] da mesma raça
de Zeus tonitruante, protetor
da Itália gloriosa, tu, que reinas
no fundo vale aonde todos vão,
sacrário de Deméter Eleusínia,[34]
Baco, patrono da cidade-mãe
das Bacantes, de Tebas que se alonga
pelo caminho líquido do Ismeno[35]
sobre a semente do dragão feroz![36]
A tocha inquieta ardendo sobre o monte
de duas pontas viu-te lá por onde
se precipitam as ninfas Corícias,[37]

tuas Bacantes, e a fonte Castália.
Vens das escarpas, recobertas de hera,
dos píncaros de Nisa e das encostas
verdes de vinhas sobrecarregadas
de cachos, e teu nome é celebrado
em cantos imortais quando visitas
as ruas da cidade ilustre — Tebas —,
tão distinguidas por ti mesmo quanto
por tua mãe que um raio fulminou.
E agora, que a cidade e o povo todo
são presas de um flagelo violento,
vem, com teus purificadores pés,
pelas alturas do monte Parnaso
ou cruza, então, o ruidoso passo![38]
Tu, condutor das danças das estrelas
ígneas, maestro das noturnas vozes,
criança de Zeus poderoso, rei,
mostra-te a nós com o séquito das Tíades[39]
de Naxos, que em bailados delirantes,
intermináveis, pela noite adentro
te adoram, Íaco,[40] rei generoso!

Entra o primeiro MENSAGEIRO.

1º MENSAGEIRO

Vós, que morais nas vizinhanças do palácio
de Cadmo e de Anfíon, escutai-me agora:
nenhum sucesso nesta vida pode ser
por muito tempo elogiado ou censurado.
A boa sorte põe de pé, o azar derriba
felizes e infelizes incessantemente
e nem os adivinhos podem confirmar
o que o destino prefixou para os mortais.
Creonte ainda há pouco tempo parecia

digno de inveja em minha própria opinião;
ele salvara um dia de seus inimigos
este solo cadmeu e nele era monarca
incontestado e glorioso pai, também,
de nobres filhos; hoje tudo está perdido.
Quando os mortais não podem mais sentir prazeres
já não os considero criaturas vivas,
mas míseros cadáveres que ainda respiram.
Se queres, amontoa em tua própria casa
riquezas mil e vive com a magnificência
de um rei; mas, se isso não te traz contentamento,
eu não daria nem a sombra da fumaça
por todo o resto, pois não há para os mortais
nada que seja comparável ao prazer.

CORIFEU

Que novos males para nosso rei revelas?

1º MENSAGEIRO

Morreram… E a causa da morte são os vivos.

CORIFEU

Mas quem matou? E quem foi morto? Dize logo!

1º MENSAGEIRO

Hêmon morreu; matou-o mão ligada a ele.

CORIFEU

A mão paterna? Ou terá sido a dele mesmo?

1º MENSAGEIRO

Foi ele, em fúria contra o crime de seu pai.

CORIFEU

Ah! Adivinho! Era verdade o que dizias!

1º MENSAGEIRO

Isso é passado. Cumpre-nos pensar no resto.

CORIFEU

Mas, vejo aproximar-se a infeliz Eurídice,
esposa de Creonte; ela vem do palácio
para saber do filho, ou, talvez, por acaso.

Entra EURÍDICE.

EURÍDICE

Ouvi vossas palavras, cidadãos presentes,
quando saía para reverenciar
com orações a deusa Palas.[41] No momento
em que os ferrolhos do portão eu recolhia
para poder passar, feriram-me os ouvidos
notícias tristes de tragédia na família;
o susto fez-me recuar, cheia de medo,
e desmaiei nos braços de minhas criadas
Dizei-me novamente qual foi a mensagem;
eu não a ouço como estranha a tais desgraças.

1º MENSAGEIRO

Falar-te-ei na condição de testemunha,

minha cara senhora, e não omitirei
sequer uma palavra da verdade toda.
Por que haveria eu de te agradar agora
se logo os fatos poderiam revelar
minha mentira? É reta a via da verdade.
Segui com teu esposo, como guia, até
a desolada elevação onde jazia
inda por sepultar, impiamente, o corpo
de Polinices, pasto de saciados cães.
À deusa das encruzilhadas e a Plutão[42]
oramos, para suavizar a sua cólera;
lavamos o cadáver com água lustral
e com recém-colhidos galhos em seguida
incineramos aqueles restos mortais;
com a terra onde ele veio ao mundo preparamos
um sepulcro saliente para as suas cinzas.
Encaminhamo-nos depois na direção
do leito nupcial de pedra onde estaria
a noiva prometida à Morte. Inda de longe
ouviu algum dos nossos o som de gemidos
pungentes, vindos daquela estranha alcova
onde não eram celebrados ritos fúnebres;
e quem ouviu veio contar ao rei Creonte.
Quanto mais perto ele chegava do lugar,
mais o envolviam os confusos sons de gritos
doridos, e ele disse entre soluços lúgubres:
“Como sou infeliz! Será que eu adivinho?
“Estarei indo agora pelo mais funesto
“de todos os caminhos jamais percorridos?
“Recebe-me a voz de meu filho? Ide depressa,
“aproximai-vos, servos, e quando chegardes
“à tumba removei a lápide que a fecha,
“passai pela abertura e ide até a entrada
“para verificar se é mesmo a voz de Hêmon

“que escuto, ou se sou enganado pelos deuses!”
Foram cumpridas logo as ordens de nosso senhor
desalentado; no interior do calabouço
vimos pendente a moça, estrangulada em laço
improvisado com seu próprio véu de linho;
Hêmon, cingindo-a num desesperado abraço
estreitamente, lamentava a prometida
que vinha de perder, levada pela morte,
e os atos de seu pai, e as malsinadas núpcias.
Quando este o viu, entre gemidos horrorosos
aproximou-se dele e com a voz compungida
chamou-o: “Ah! Infeliz! Que estás fazendo aí?
“Que ideia te ocorreu? Qual a calamidade
“que assim te faz perder o senso? Sai, meu filho!
“Eu te suplico! Imploro!” O moço, todavia,
olhando-o com expressão feroz, sem responder
cuspiu-lhe em pleno rosto e o atacou sacando
a espada de dois gumes; mas o pai desviou-se
e recuou, fazendo-o errar o golpe; então,
com raiva de si mesmo, o desditoso filho
com todo o peso de seu corpo se deitou
sobre a aguçada espada que lhe traspassou
o próprio flanco; no momento derradeiro
de lucidez, inda enlaçou a virgem morta
num languescente abraço, e em golfadas súbitas
lançou em suas faces lívidas um jato
impetuoso e rubro de abundante sangue.
E jazem lado a lado agora morto e morta,
cumprindo os ritos nupciais — ah! infelizes! —
não nesta vida, mas lá na mansão da Morte,
mostrando aos homens que, dos defeitos humanos,
a irreflexão é incontestavelmente o máximo.

EURÍDICE volta silenciosamente ao palácio.

CORIFEU

Após alguns momentos de silêncio geral.

Que se há de pensar disso? Ela se retirou
sem proferir uma palavra, boa ou má.

1º MENSAGEIRO

Também estou atônito, porém espero
que, diante da notícia acerca de seu filho,
não lhe pareça decoroso lamentar-se
em público e prefira prantear lá dentro,
em seu palácio, o luto familiar com as servas.
Ela não há de ter ficado transtornada
a ponto de cometer algum desatino.

CORIFEU

Não sei… Silêncios excessivos me parecem
tão graves quanto o exagerado, inútil pranto.

1º MENSAGEIRO

É, mas entrando no palácio saberemos
se ela não dissimula algum plano secreto
em seu magoado coração. Disseste bem;
pode haver ameaças nos grandes silêncios.

Sai o primeiro MENSAGEIRO. Entra CREONTE, trazendo o corpo coberto de HÊMON.

CORIFEU

Mas, eis ali o próprio rei que chega
trazendo em suas mãos, revelador,
o testemunho não de alheia insânia,

mas de erros que ele mesmo cometeu.

CREONTE

Erros cruéis de uma alma desalmada![43]
Vede, mortais, o matador e o morto,
do mesmo sangue! Ai! Infeliz de mim
por minhas decisões irrefletidas!
Ah! Filho meu! Levou-te, inda imaturo,
tão prematura morte — ai! ai de mim! —
por minha irreflexão, não pela tua!

CORIFEU

Como tardaste a distinguir o que era justo!

CREONTE

Ah! Hoje sei quão infeliz eu sou,
mas penso que algum deus, com muita força,
golpeou-me na cabeça e me impeliu
para os caminhos da ferocidade
— pobre de mim! — calcando sob os pés
e destruindo todo o meu prazer!
Ah! Sofrimento dos sofridos homens!

Sai do palácio o segundo MENSAGEIRO, correndo.

2º MENSAGEIRO

Quantas desgraças tens de suportar, senhor!
Uma trazes contigo, nos teus próprios braços,
e em tua casa há outra, que logo verás!

CREONTE

Ainda pode haver males piores que este?

2º Mensageiro

Morreu tua mulher, mãe infeliz do morto,
há pouco, vítima de golpe bem recente.

Creonte

Ah! Boca inexorável dos infernos!
Por que me estás matando? Sim! Por quê?
Tu, mensageiro da calamidade
triste até de narrar, que vais contar-me?
Ai! Ai de mim! Matas um homem morto!
Que dizes, meu rapaz? Que tens ainda
a me falar? Ai! Infeliz de mim!
É o fim sangrento de minha mulher,
caída nesta sucessão de mortes?

Abre-se a porta do palácio e aparece o cadáver de EURÍDICE, coberto, trazido por criados.

2º Mensageiro

Ei-la presente; já deixou sua morada.

Creonte

Ai! Ai de mim! Contemplo neste instante
outra calamidade — é a segunda,
pobre de mim! Qual o destino — qual! —
que inda me espera? Trouxe há pouco tempo
meu filho nos meus braços — ai de mim! —
e vejo aqui em frente outro cadáver!
Ah! Mãe desventurada! Ah! Filho meu!

2º Mensageiro

Ela cerrou as pálpebras, envolta em trevas
ferindo-se com fina faca ao pé do altar,
depois de lamentar a morte gloriosa
de Megareu,[44] primeiro morto, e logo a deste,
amaldiçoando-te nos últimos momentos,
a ti, ao assassino de seus próprios filhos.

Creonte

Ai! Infeliz de mim! Tremo de medo!
Por que alguém não me golpeia
no peito com uma espada de dois gumes?
Sou um miserável — coitado de mim! —
abismado em misérias horrorosas!

2º Mensageiro

A morta que aqui vês te atribuiu a culpa
desta calamidade e até da anterior.

Creonte

Como lhe veio a morte violenta?

2º Mensageiro

Com as próprias mãos ela se apunhalou no fígado
logo que soube da desgraça atroz do filho.

Creonte

Ai! Ai de mim! O autor destas desgraças
sou eu e nunca as atribuirão

a qualquer outro entre os mortais, pois eu,
só eu as cometi, pobre de mim!
Fui eu, e falo apenas a verdade!
Levai-me imediatamente, escravos,
para bem longe, pois não sou mais nada!

CORIFEU

É boa a tua sugestão, se pode haver
algo de bom entre tão numerosos males.
Quanto mais breve for o mal, tanto melhor.

CREONTE

Venha! Aconteça a última das mortes
— a minha! — e traga o meu dia final,
o mais feliz de todos! Venha! Venha,
pois não quero viver nem mais um dia!

CORIFEU

Isto é futuro; antes, cuidemos do presente;
trate do resto quem tiver essa incumbência.

CREONTE

Já disse o meu desejo numa súplica.

CORIFEU

Nada mais peças, pois não podem os mortais
livrar-se do destino a eles prefixado.

CREONTE

Levem para bem longe este demente

que sem querer te assassinou, meu filho,
e a ti também, mulher! Ai! Ai de mim!
Não sei qual dos dois mortos devo olhar
nem para onde devo encaminhar-me!

Pondo as mãos sobre o cadáver de HÊMON.

Tudo perdi contigo, que ora sinto
em minhas mãos, e com nova desgraça
inda mais dura esmaga-me o destino!

CREONTE é levado lentamente para o palácio.

CORO

Acompanhando a lenta retirada de CREONTE.

Destaca-se a prudência sobremodo
como a primeira condição
para a felicidade. Não se deve
ofender os deuses em nada.[45]
A desmedida empáfia nas palavras
reverte em desmedidos golpes
contra os soberbos que, já na velhice,
aprendem afinal prudência.

FIM

NOTAS À *ANTÍGONA*

1. *Zeus*: o deus maior da mitologia grega (o Júpiter dos latinos).

2. Os detalhes relativos aos infortúnios de Édipo e de Jocasta constituem a parte final do *Édipo Rei*, de Sófocles.

3. Tebas era cercada de muralhas e se entrava na cidade através de sete portas, entre torres que formavam a "coroa da cidade" (veja-se o verso 133).

4. *Manancial de Dirce*: Tebas estava situada entre as nascentes de Dirce e o rio Ismeno.

5. Alusão aos penachos brancos que encimavam os elmos dos guerreiros de Argos, também ornados de "abundante crina" em sua parte posterior.

6. *Hefesto*: deus do fogo dos gregos (o Vulcano dos latinos).

7. *Ares*: o deus da guerra e das mortes violentas em geral na mitologia grega (o Marte dos latinos).

8. *Dragão tebano*: alusão à suposta origem dos primeiros habitantes de Tebas, que teriam nascido dos dentes de um dragão morto por Cadmos, fundador da cidade, ao chegar ao local onde ela se situaria. Dos dentes semeados teriam nascido soldados inteiramente armados, os primeiros tebanos.

9. *Baco*: um dos nomes de Diôniso, deus padroeiro de Tebas, condutor das Bacantes em suas danças delirantes, que faziam "tremer o chão de Tebas".

10. *Laio*: antigo rei de Tebas, pai de Édipo.

11. Sófocles revela magnificamente, nesta cena, sua arte de criar tipos, delineando-os com perfeição por meio apenas de suas próprias falas.

12. Práticas já usadas entre os gregos da idade heróica para provar a inocência de acusados.

13. É notável o contraste, certamente premeditado por Sófocles, entre o hino de exaltação dos poderes maravilhosos do homem diante da natureza, criando até as leis que regem os povos e mantêm os Estados, e a prisão de Antígona, logo após esse coro de louvores à sapiência humana. Veja-se, a propósito, Werner Jaeger, *Paideia*, página 259 da tradução espanhola (edição em um volume), que sublinha o uso da ironia trágica por Sófocles. A repetição "maravilhas… maravilhosa" (como inúmeras outras nas tragédias de Sófocles) está no original.

14. *Ela*: Antígona.

15. *Labdácidas*: descendentes de Lábdaco, pai de Laio e avô de Édipo.

16. *Tempo divino*: literalmente: "divinos meses".

17. *O deus dos mortos*: literalmente "Hades", divindade principal do reino das sombras para onde iam os mortos e, por extensão, a sua própria morada. No verso 919, "região das sombras" corresponde também a Hades no original.

18. *Para seus domínios*: literalmente "para as margens do Aqueronte", rio que os mortos atravessavam para nunca mais voltar, ao entrar no reino das sombras. No verso 911, "com o negro inferno", literalmente "com o Aqueronte".

19. *Filha de Tântalo*: Níobe. Segundo a lenda, orgulhosa com o número e a beleza de seus filhos, ela vangloriava-se de ser superior a Leto, mãe de Apolo e de Ártemis, que lhe exterminaram todos os filhos, menos Clóris. Níobe, de tanta dor, petrificou-se.

20. *Sípilo*: montanha da Frígia, pátria de Níobe.

21. Veja-se a nota 4.

22. *Três vezes manifesto*: alusão às desditas de três gerações dos labdácidas (Laio, Édipo e seus filhos).

23. *Morte*: literalmente "Perséfone", mulher de Hades, deusa dos mortos.

24. *Tendo de opor-me a todos os concidadãos* é dito, aqui, em tom sarcástico, pois Antígona repete as palavras de Ismene no verso 88.

25. *Dânae*: filha de Acrísio, rei lendário de Argos, e de Eurídice. Seu pai, prevenido por um oráculo de que um filho de Dânae o mataria, quis evitar a consumação da predição e, para isso, encerrou a filha numa torre de bronze. Tudo foi inútil, pois Zeus, vencido pela beleza de Dânae, introduziu-se na torre transformado em chuva de ouro, fecundou a virgem e lhe deu um filho — Perseu —, que matou afinal o avô.

26. O filho de Drias é Licurgo que, por haver menosprezado o culto de Diôniso (veja-se a nota 9), foi cegado por Zeus e encerrado numa caverna no monte Pangeu pelos Edônios, seus súditos, por inspiração de Diôniso.

27. *Bacantes*: sacerdotisas de Diôniso, ou Baco, que celebravam o deus em danças e cantos orgiásticos.

28. Á*guas Cianeias*: local em que ficavam as ilhotas rochosas situadas nas proximidades da passagem do mar Negro para o Bósforo.

29. *Salmideso*, baía do mar Negro.

30. Fineu, que tivera de Cleópatra dois filhos (Pléxipo e Pandion), abandonou a mulher para casar-se com outra. A madrasta furou os olhos dos dois filhos de Fineu e de Cleópatra e os encerrou numa caverna.

31. *Erecteidas*: descendentes do rei Erecteu, sexto rei de Atenas.

32. *Sardes*: Capital da Lídia, na Ásia Menor, famosa por suas riquezas e pelo luxo de seus habitantes.

33. *Virgem Cadmeia*: Semele, que, amada por Zeus, se tornou mãe de Diôniso, ou Baco.

34. *Deméter*: deusa da fecundidade da terra, cultuada principalmente no famoso templo de Eleusis (nas proximidades de Atenas).

35. *Ismeno*: rio que atravessa Tebas.

36. *Dragão feroz*: veja-se a nota 8.

37. *Ninfas Corícias*: ninfas habitantes da caverna Corícia, no monte Parnaso, onde também ficava a fonte Castália mencionada no verso 1253.

38. *Ruidoso passo*: o estreito do Euripo, entre a Eubeia e a Beócia.

39. *Tíades*: outro nome das Bacantes.

40. Í*aco*: epíteto de Baco, significando "ruidoso".

41. *Palas*: uma das designações de Atena, deusa da mitologia grega (a Minerva dos latinos).

42. *A deusa das encruzilhadas*: Hécate, deusa ligada às práticas mágicas. *Plutão*: um dos nomes de Hades.

43. *Alma desalmada*: o jogo de palavras, como todos os que abundam nas peças de Sófocles, está no original. Veja-se adiante o verso 1418.

44. *Megareu*: outro filho de Creonte e de Eurídice, morto na defesa de Tebas. A "calamidade anterior" referida no verso 1454 é a morte de Megareu.

45. Destaca-se em todas as tragédias de Sófocles a extrema religiosidade do autor, e seu respeito irrestrito às crenças tradicionais, inclusive aos oráculos.

Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2529-4750 / fax: (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

ISBN: 978-85-378-0983-9

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**

EXPRESSO ZAHAR



Uma tragédia grega

ÉDIPO REI

Sófocles

Édipo rei

Sófocles
9788537809815
86 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Édipo, rei de Tebas, acredita ser filho do rei Pôlibo de Corinto e de sua rainha. Ele havia se tornado governante de Tebas depois de salvar a cidade desvendando o enigma da Esfinge que vinha devorando os tebanos, incapazes de decifrar os enigmas propostos pelo monstro. Como Laio, o rei de Tebas havia sido morto durante uma viagem, Édipo casa-se com a rainha viúva, Jocasta, e assume a coroa. Édipo havia deixado Corinto para sempre porque um oráculo profetizou que ele mataria seu próprio pai e se casaria com sua mãe. Na viagem de Corinto para Tebas, Édipo encontra um homem velho e cinco servos. Sem saber que se trata de Laio, seu verdadeiro pai, Édipo discute com ele e, num ataque de arrogância, mata o homem e seus servos. Por muitos anos Édipo governa Tebas como um grande e valente rei. Até que uma peste começa a dizimar os habitantes da cidade e Édipo ordena uma consulta ao oráculo Tirésias. Tirésias lhe revela então que todo infortúnio que se abate sobre a cidade é causado por ele próprio, por ter assassinado o pai e casado com a própria mãe.

EXPRESSO ZAHAR



Uma tragédia grega

PROMETEU ACORRENTADO

Ésquilo

Prometeu acorrentado

Ésquilo
9788537809907
61 páginas

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

O titã Prometeu, vítima da ira de Zeus, é pregado num rochedo com a alegação de que se rebelara contra a vontade divina com o intuito de ajudar a humanidade primitiva.
Prometeu proclama a sua indignação diante do céu, do mar e da terra à sua volta declarando que, por amor às criaturas humanas, conseguiu salvá-las da destruição e lhes deu o fogo por ele roubado do céu, permitindo assim o início da civilização. Tratado desdenhosamente por Prometeu, Hermes anuncia-lhe torturas ainda mais cruéis: a águia que devoraria a cada dia seu fígado, que se recomporia também diariamente, e um cataclismo que o lançaria no Hades.

Além dessa peça Ésquilo escreveu duas outras sobre o mesmo tema: Prometeu portador do fogo e Prometeu libertado, das quais nos restam apenas fragmentos.

EXPRESSO ZAHAR



Uma tragédia grega

ÉDIPO EM COLONO

Sófocles

EXPRESSO ZAHAR



Uma tragédia grega

ELECTRA

Sófocles

Electra

Sófocles
9788537809884
80 páginas

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

O enredo dessa tragédia segue Orestes em seu retorno a Micenas para matar a mãe, Clitemnestra e seu amante Egisto como vingança pelo assassinato de seu pai, Agamêmnon. Na peça, entretanto, o foco principal é a irmã de Orestes, Electra e sua angustiada participação nos planos do irmão. Para conseguir entrar no palácio e poder executar sua vingança Orestes espalha a falsa notícia de sua morte. Acreditando no boato que ouve, Electra tenta, sem suceso, aliciar a irmã Crisôtemis para assassinar a mãe. Numa cena dramática, Orestes chega disfarçado e entrega a Electra a urna que deveria conter suas próprias cinzas. Movido pela demonstração de pesar da irmã, Orestes revela sua verdadeira identidade a Electra e mata, sem piedade, sua mãe e o amante dela.

Compre agora e leia

EXPRESSO ZAHAR



Um caso de Sherlock Holmes

ESCÂNDALO NA BOÊMIA

Arthur Conan Doyle

Escândalo na Boêmia

Conan Doyle, Arthur
9788537811627
34 páginas

A consagrada tradução dos Clássicos Zahar

Esse primeiro conto de Sherlock Holmes publicado na Strand Magazine inaugura a parceria de Holmes e Watson. Escândalo na Boêmia é também a única história em que vemos o detetive derrotado. Procurado pelo rei da Boêmia, Holmes se vê em busca de uma fotografia em poder de uma mulher que pode prejudicar o rei que está prestes a se casar. Irene Adler, a antiga amante do rei, no entanto, foge com a prova do crime depois de conseguir despistar o famoso detetive.

Compre agora e leia